Dia 6 — São Nicolau, Bispo

Martirológio Romano

A ditosa morte de São Nicolau, bispo e confessor, em Mira, metrópole da Lícia, de quem entre outros milagres se conta um muito assinalado, a saber, que, aparecendo ao imperador Constantino, que estava muito longe, com persuasões e ameaças o induziu a perdoar a morte a uns homens que, não obstante a distância que os separava deste Santo, o invocavam encomendando-se a ele. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

As santas mulheres Dionísia, Dativa e Leôncia; Tércio, varão religioso, Emiliano, médico, e Bonifácio, com outros três, na África; todos os quais, por defender a fé católica na perseguição dos vândalos, no tempo do rei Hunerico, ariano, padeceram atrozes e inumeráveis tormentos e mereceram contar-se no número dos confessores de Cristo. (Santa Dionísia, mulher celebrada por sua formosura, quando seu corpo estava já desfigurado e feito uma chaga, vendo seu filho único Majórico tremer à vista de seus tormentos, disse-lhe entre outras coisas: «Lembra-te, filho meu, de que fomos batizados em nome da santíssima Trindade e no seio da Igreja católica, nossa mãe.» Aconteceu este martírio no ano de 484.)

São Majórico, filho de Santa Dionísia, no mesmo país; o qual, sendo mocinho e temendo os tormentos, confortado com os olhares e persuasões de sua mãe, fez-se mais valente que os demais e nos tormentos entregou sua alma a Deus: abraçou-o sua mãe e deu-lhe sepultura em sua casa e orava continuamente diante de seu sepulcro.

São Policrônio, presbítero, no mesmo dia; o qual, no tempo do imperador Constâncio, estando dizendo missa, foi surpreendido e degolado pelos Arianos.

O martírio de São Pedro Pascoal, da Ordem de Nossa Senhora das Mercês, redenção de cativos, e bispo de Jaén, em Granada, na Espanha: cuja festa, por decreto do papa Clemente X, se celebra no dia 23 de outubro. (Veja-se sua vida entre as do dia 24 de outubro.)

Santa Asela, virgem, em Roma; a qual, como escreve São Jerônimo, sendo bendita no ventre de sua mãe, perseverou toda a sua vida até a velhice em jejuns e orações.

São Nicolau, Bispo

São Nicolau, bispo de Mira, na Lícia, tão célebre em todo o universo pelo resplendor de suas virtudes, pelo número de seus milagres e pela confiança dos povos em sua intercessão, nasceu em Pátara, cidade da Lícia, na Ásia Menor. Seus pais eram muito ricos, mas ainda eram mais piedosos; haviam perdido toda esperança de ter filhos quando sua mãe se achou grávida; o que se olhou logo como um dom do céu e como o fruto das grandes esmolas de seus pais, a quem chamavam no país pais dos pobres. Deus o preveniu tão visivelmente com suas bênçãos desde seu nascimento que se assegura não foi possível fazê-lo mamar jamais nas quartas e sextas-feiras, como se houvesse começado desde então a jejuar estes dois dias da semana, que eram dias de abstinência e de jejum na Igreja oriental. Seu tio Nicolau, bispo de Mira, que lhe havia posto seu nome e tinha ido à igreja dar graças a Deus por haver dado a sua família um herdeiro, teve, durante sua oração, uma revelação em que se lhe manifestou que o menino que Deus lhes havia dado seria um astro luminoso que alumiaria com sua virtude toda a terra.

Tantos presságios da futura santidade do menino Nicolau moveram seus pais a pôr muito cuidado para dar-lhe uma educação de todo cristã. O natural ditoso deste filho de bênção não necessitou de muitas lições para sair consumado na virtude. Sua piedade antecipou-se, por dizê-lo assim, à idade da razão. Jamais foram de seu gosto os entretenimentos ordinários das crianças. Se queriam diverti-lo e dar-lhe gosto, era preciso levá-lo à igreja a fazer oração. Seus sentimentos pela Religião, seu respeito às coisas santas eram olhados como um prodígio numa criança de cinco anos.

Como descobria um excelente engenho e não tinha de jovem outra coisa que a idade, aplicaram-no a tempo ao estudo das ciências, nas quais fez maravilhosos progressos; mas, ao passo que crescia em sabedoria, aventajava-se ainda mais em santidade. Sua mansidão, sua docilidade e sua modéstia o distinguiam tanto dos demais que era o modelo que se propunha para imitar a todos os jovens. Não havia quem não admirasse sua regularidade, sua devoção terna e sua prudência numa idade em que por via de regra dominam a vivacidade e o amor do deleite e em que as paixões são regularmente o maior móvel das ações. Perdeu seus pais ainda muito jovem, cuja perda sentiu como era razão; mas esta falta em nada prejudicou sua virtude. A morte de um pai e de uma mãe, a quem amava com extremo e que lhe deixavam grandes bens, só serviu para fazê-lo mais devoto, mais retirado e mais caritativo. Tendo sabido que um cavaleiro pobre da cidade estava em ânimo de prostituir três filhas, por não ter com que casá-las segundo sua qualidade, Nicolau encheu de peças de ouro uma bolsa e, ao anoitecer, atirou-a muito secretamente por uma janela ao quarto deste desventurado pai, o qual ficou gozosamente surpreendido ao encontrar uma soma considerável, bastante para dotar sua filha mais velha, com a qual a casou logo, esperando que a Providência proveria às outras duas. Não tardou muito tempo em ver cumprida sua esperança; pois aquela mesma noite lançou nosso Santo pela mesma janela ao quarto outra igual quantia, a qual serviu para casar a segunda. O ditoso pai, não duvidando de que o que lhe havia feito estas duas obras de caridade lhe faria também a que faltava para casar a menor, quis ter o consolo de conhecer seu benfeitor, para o que se pôs de tocaia; e logo que nosso Santo, valendo-se da escuridão da noite, houve lançado sua esmola, correu atrás dele, abraçou-o e, conhecendo seu compatriota, deu-lhe mil graças por tão insignes benefícios. O Santo, tão mortificado como surpreendido de ver-se descoberto, pediu-lhe com as maiores instâncias que não propalasse esta esmola. O cavaleiro prometeu-lho, mas não lhe cumpriu a palavra. Na manhã seguinte já toda a cidade era sabedora e estava admirada de uma caridade tão liberal; só São Nicolau teve muito que

sofrer desta manifestação.

Uma virtude tão eminente e tão pura não era para o mundo: nosso Santo pensava em deixá-lo; mas Deus, que o havia escolhido para que fosse um dos mais belos ornamentos da Igreja, dispôs que entrasse no clero com a aprovação pública. Conhecendo o bispo de Mira sua virtude e sua sabedoria, deu-se pressa em fazê-lo sacerdote. Com a dignidade cresceu sua piedade; e entrando no sacerdócio com uns costumes tão puros e uma alma tão cristã, deu a sua virtude um novo lustre e novo vigor a seu fervor.

Tendo feito seu tio uma viagem por devoção à Terra Santa, deixou a nosso Santo o governo de sua diocese, o qual a governou com tanta prudência e edificação que não houve quem não desejasse tê-lo algum dia por bispo. Tendo morrido seu tio pouco depois de sua volta, nosso Santo, que nada temia tanto como o episcopado, afastou-se de seu país, fazendo uma viagem à Palestina. Apenas entrou na embarcação, pronosticou ao piloto uma tempestade furiosa, a qual não tardou e foi tão horrível que toda a tripulação se creu perdida. Neste conflito recorreram ao Santo, o qual foi o mesmo pôr-se em oração que cessar a tempestade e ficar o mar em calma. Como este Santo operou este prodígio muitas vezes em sua vida, e se tem recebido o mesmo socorro por sua intercessão depois de sua morte, os marinheiros e os navegantes o tomaram por seu padroeiro e o invocam em todas as borrascas.

Depois de haver visitado os Santos Lugares, retirou-se a uma cova onde dizem que o menino Jesus, a Virgem santíssima e São José passaram a noite quando saíram da Judeia para fugir ao Egito. Nosso Santo tinha intenção de passar ali o resto de seus dias; mas Deus lhe deu a conhecer que devia voltar a Mira. Tendo chegado a esta cidade, retirou-se a um mosteiro, resolvido a passar nele o resto de seus dias no silêncio, na obscuridade e nos exercícios da mais austera penitência. Tendo morrido entretanto o bispo João, que havia sucedido ao tio de nosso Santo, juntaram-se em Mira os bispos da província para dar um bispo àquela igreja. Não concordavam na eleição, quando um dos mais santos da assembleia, inspirado de Deus, disse que o Senhor queria que elegessem por bispo de Mira um santo sacerdote que na manhã seguinte iria o primeiro à igreja. Nosso Santo foi este eleito de Deus; pois, sem saber nada do que se passava, foi ao amanhecer à igreja fazer oração segundo costume. Todos ficaram gostosamente surpreendidos quando viram o presbítero Nicolau; o qual, querendo escapar-se de suas mãos, foi detido e, entre as aclamações públicas do povo e de todo o clero, foi consagrado bispo. No fim da consagração uma mulher, rompendo por entre a multidão, foi lançar-se a seus pés, apresentando-lhe um filho jovem que, havendo caído no fogo, havia sido sufocado pelas chamas. O novo Prelado, tendo feito o sinal da cruz sobre o defunto, ressuscitou-o na presença de todo o concurso.

Vendo-se colocado na cátedra episcopal, aplicou-se a cumprir todas as obrigações de um bom prelado e a adquirir com perfeição todas as virtudes de um santo bispo, para o que passava quase toda a noite aos pés dos altares, orando por si e por seu povo. Nunca oferecia o divino sacrifício sem que seu rosto parecesse inflamado daquele fogo sagrado de que estava abrasado seu coração. Seu fervor crescia com seus dias, e sua solicitude pastoral se estendia geralmente a todas as necessidades de seu povo. Suas rendas só serviam para os pobres. Não se o achava senão na igreja, nos cárceres e nos hospitais à cabeceira dos enfermos. Encarregado de distribuir o pão da divina palavra a seu povo, fazia-o com tanto fruto e com tão feliz sucesso que em menos de um

ano mudou de cara toda a diocese. Suas austeridades cresciam com seus trabalhos: desde o princípio de sua vida havia jejuado dois dias por semana: quando jovem jejuava três; mas depois que foi bispo jejuava todos.

Tendo o imperador Licínio renovado a perseguição de Diocleciano, enviou ministros a Mira para restabelecer a idolatria. São Nicolau fez ver ao mundo nesta ocasião que um Santo nunca parece maior que quando combate pela Religião. Seu zelo manifestou-se em todas as necessidades de seu povo; e o desejo que tinha do martírio fê-lo menosprezar as ameaças dos ministros do Imperador. Foi por último condenado a um desterro e carregado de cadeias por Jesus Cristo. Sofreu no desterro toda espécie de maus-tratos, despedaçando-o todos os dias a golpes de varas e de correias. Mas tendo sido derrotado Licínio pelo grande Constantino, voltou triunfante a sua igreja, e sua viagem foi uma série continuada de insignes conversões e de milagres.

Se se mostrou tão zeloso contra os idólatras, não o foi menos contra os Arianos. Assistiu ao primeiro concílio Niceno, onde resplandeceu como um dos mais generosos confessores de Jesus Cristo e como um dos maiores prelados da Igreja. O número dos milagres que Deus operou por sua intercessão é tão prodigioso que com razão se chamou em todos os tempos o taumaturgo de seu século. São Boaventura escreve que ressuscitou em Mira dois estudantes que haviam sido assassinados. O mesmo milagre fez com três meninos que haviam sido cruelmente degolados e cujos corpos haviam sido encerrados numa cuba. Isto é o que pretendem representar os pintores quando o pintam com três meninos pequenos a seus lados. Numa terrível fome viram-se multiplicar entre suas mãos os pequenos pedaços de pão até saciar uma multidão inumerável de povo.

Sua caridade para com todos os desventurados foi sempre em parte o caráter e distintivo deste santo Bispo. Estando um dia com três mestres de campo à porta da cidade, vieram dizer-lhe que se ia executar a morte em três camponeses inocentes. Corre ao lugar onde devia fazer-se a execução: encontra os três pacientes já sobre o cadafalso com os olhos vendados e o verdugo em ação de ir cortar-lhes a cabeça; tira-lhe o sabre com uma ousadia que só podia ser efeito da santidade; e dizendo ao juiz que sabia a inocência daquelas pobres vítimas de sua avareza e de seus atropelamentos, ameaça-o com a justiça do Imperador e põe em liberdade os três homens. Os mestres de campo, que haviam sido testemunhas de tudo o que se havia passado, mal haviam chegado a Constantinopla quando foram acusados pela mais negra calúnia de haver entrado numa conspiração contra o Estado e condenados como réus de lesa-majestade a perder a vida. Num lance tão apurado lembraram-se do que haviam visto em Mira; invocam o Santo, ainda que ausente, e depois de Deus põem nele toda a sua confiança. Ao mesmo tempo que faziam sua prece, que era a noite que precedia o dia da execução, apareceu em sonhos São Nicolau ao imperador Constantino e ameaçou-o com a indignação de Deus se não revogasse o decreto que havia expedido contra os três oficiais inocentes; e ao mesmo tempo apareceu a Ablávio, seu primeiro ministro, intimando-lhe a mesma ameaça. Apenas amanheceu, o Imperador mandou buscar os três oficiais, declarou-lhes sua visão e absolveu-os de seu pretenso delito. Quase ao mesmo tempo, vendo-se uns navegantes em perigo de naufragar numa furiosa borrasca, imploram o socorro do Santo: logo lhes aparece visivelmente na embarcação, lança a mão ao leme e os conduz ao porto de Mira. Tantos prodígios fizeram tão célebre o nome do Santo em todo o universo, onde a fama já havia feito tão insigne sua santidade. Finalmente, o Senhor quis

recompensar sua virtude e seus trabalhos; deu-lhe a conhecer o dia e a hora de sua morte. Esta revelação o encheu de gozo e, depois de haver-se despedido de seu povo ao fim de sua missa pontifical, retirou-se ao mosteiro de Sião, onde, depois de uma curta enfermidade em que se fez administrar os últimos Sacramentos, entregou seu espírito a Deus em meio de muitos Anjos que se deixaram ver dos que estavam em seu quarto. Sucedeu esta morte preciosa no dia 6 de dezembro, pelo ano de 327, não se sabe em que ano de sua idade. Foi enterrado na igreja do mosteiro num sepulcro de mármore; e desde então saiu de seu sepulcro um licor milagroso que curava toda sorte de enfermidades. O imperador Justiniano edificou em honra sua uma soberba igreja, a qual Basílio reparou com magnificência no ano de 1087. Estando os turcos saqueando toda a Lícia, este santo corpo foi transportado a Bari, na Apúlia, na Itália, onde se conserva com grande veneração numa igreja das mais magníficas, na qual seu sepulcro é cada dia mais glorioso pelos inumeráveis milagres que se operam nele todos os dias.

São Fortunato ou Fortià, Mártir

O bem-aventurado menino São Fortunato ou Fortià, como o chama o vulgo catalão, de quem faz solene festa tal dia como hoje a igreja paroquial de Torelló, no bispado de Vic e principado da Catalunha, segundo se entende, e assim está pintado em seu antiquíssimo retábulo, é um dos santos Inocentes que matou o cruel rei Herodes, cuja história se lê entre as do dia 28 deste mês. Tem-se ali por tradição que uma pomba tomou com seu bico a arquinha onde estava o corpinho deste bem-aventurado Santo e a trouxe a uma fonte que está perto da vila de Torelló, a qual não está muito longe de uma igreja edificada fora daquele povoado, chamada São Fortià. E segundo acrescentam alguns, tendo a pomba aparecido na dita fonte, trouxe a santa relíquia à igreja paroquial de Torelló e pô-la no coro, vindo de uma maneira tão maravilhosa aquele grande tesouro ao dito povoado. Referem-se muitíssimos milagres operados pela misericórdia divina, mediante a intercessão deste bem-aventurado menino, cuja autenticidade bem se colige da grande veneração com que é honrado por aqueles naturais. O clero diz missa deste santo Mártir e nomeiam-no na coleta dela, chamando-o Fortunato. (Domènech, *História de Santos da Catalunha.*)

Missa (oração)

A missa é em honra de São Nicolau, e a oração é a que segue:

> **Latim:** *Deus, qui beatum Nicolaum pontificem innumeris decorasti miraculis: tribue, quæsumus; ut ejus meritis et precibus a gehennæ incendiis liberemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que honrastes com inumeráveis milagres o bem-aventurado bispo Nicolau, fazei que por seus méritos e rogos sejamos libertados dos fogos do inferno. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 13 da carta de São Paulo aos Hebreus.

Hebreus 13,7-17

> **Latim:** [7] Mementote præpositorum vestrorum, qui vobis locuti sunt verbum Dei : quorum intuentes exitum conversationis, imitamini fidem. [8] Jesus Christus heri, et hodie : ipse et in sæcula. [9] Doctrinis variis et peregrinis nolite abduci. Optimum est enim gratia stabilire cor, non escis : quæ non profuerunt ambulantibus in eis. [10] Habemus altare, de quo edere non habent potestatem, qui tabernaculo deserviunt. [11] Quorum enim animalium infertur sanguis pro peccato in Sancta per pontificem, horum corpora cremantur extra castra. [12] Propter quod et Jesus, ut sanctificaret per suum sanguinem populum, extra portam passus est. [13] Exeamus igitur ad eum extra castra, improperium ejus portantes. [14] Non enim habemus hic manentem civitatem, sed futuram inquirimus. [15] Per ipsum ergo offeramus hostiam laudis semper Deo, id est, fructum labiorum confitentium nomini ejus. [16] Beneficentiæ autem et communionis nolite oblivisci : talibus enim hostiis promeretur Deus. [17] Obedite præpositis vestris, et subjacete eis. Ipsi enim pervigilant quasi rationem pro animabus vestris reddituri, ut cum gaudio hoc faciant, et non gementes : hoc enim non expedit vobis.

Português: [7] Lembrai-vos dos vossos prelados, que vos fallárao a palavra de Deos: cuja fé haveis de imitar, considerando qual haja sido o fim da sua conversação. [8] Jesu Christo era hontem, e he hoje: o mesmo tambem será por todos os seculos. [9] Não vos deixeis tirar do caminho por doutrinas varias, e estranhas. Porque he muito bom fortificar o coração com a graça, não com vian-das: que não aproveitárao aos que andaráo nellas. [10] Nós temos hum altar, do qual os ministros do tabernáculo não tem faculdade de comer. [11] Porque os corpos d'aquelles animaes, cujo sangue he mettido pelo pontifice no santuario para expiação do peccado, são queimados fóra dos arraiaes. [12] Pelo que tambem Jesus, para que santificasse ao povo pelo seu sangue, padeceo fóra da porta. [13] Saíamos pois a elle fóra dos arraiaes, levando sobre nós o seu opprobrio. [14] Porque não temos aqui cidade permanente, mas vamos buscando a futura. [15] Offereçamos pois por elle a Deos sem cessar sacrificio de louvor, isto he o fruto dos labios, que confessão o seu nome. [16] E não vos esqueçais de fazer bem, e de repartir dos vossos bens com os outros: porque com taes offrendas he que Deos se dá por obrigado. [17] Obedecei a vossos superiores, e sede-lhes sujeitos. Porque elles vé-lão, como

quem ha de dar conta das vossas almas, para que fação isto com gozo, e não gemendo: pois isto he huma cousa que vos não convem.

Reflexões

Jesus Cristo ontem e hoje; e ele mesmo é pelos séculos. O que Jesus Cristo era ontem, isso é também hoje; e o será por todos os séculos. A quantas pessoas deveria fazer corar esta verdade! Que sentimentos de piedade e de religião não tínhamos naqueles tempos de devoção e de fervor, naqueles belos dias de inocência! Que horror ao pecado! Que pureza de costumes! Que regularidade de conduta naqueles primeiros anos de religião, ou naqueles que se seguiram à conversão e que pareceram tão cristãos! Penetrados então das grandes verdades da Religião, iluminados com as luzes de uma fé viva, parecia-nos Jesus Cristo o único objeto digno de nosso amor, o único dono a quem tínhamos que servir e o único soberano a quem tínhamos interesse em não desagradar: sua palavra era então nossa lei, e seu Evangelho a regra de nossa conduta: não podíamos compreender então como um negócio temporal pudesse ocupar-nos mais que o negócio de nossa salvação; e como um homem de bom juízo podia não olhar o negócio de sua salvação como seu importante e seu único negócio. Que impressão não fazia em nosso coração a memória de tudo o que Jesus Cristo fez e padeceu por nosso amor? O mistério da Encarnação, o da Redenção e o da Eucaristia, tudo nos movia, tudo nos lançava em rosto nossa pouca gratidão, tudo nos enternecia e nos interessava. Como éramos Cristãos em toda a nossa conduta, que respeito não nos inspirava o lugar santo? Com que santo horror assistíamos ao sacrifício da missa! Com que fome da justiça nos chegávamos aos santos Sacramentos! Que temor salutar aos juízos de Deus, que doce confiança nos méritos do Redentor, que desejo de nossa salvação, que inquietude, que zelo! Como nos olhávamos como peregrinos sobre a terra, sofríamos com paciência as amarguras de nosso desterro: a vista de Jesus Cristo adoçava todos os dissabores de nossa peregrinação. Como éramos herdeiros do próprio Deus e co-herdeiros de Jesus Cristo, que gozo não sentíamos em ter parte em seus sofrimentos com a bem fundada esperança de ter parte em sua glória! Tudo isto obrava em nós a graça de Jesus Cristo naqueles anos de inocência e de fervor, naquele tempo em que confessávamos que éramos cristãos, que éramos prudentes: de onde, pois, veio esta espantosa mudança de costumes, de conduta e de sentimentos? O que Jesus Cristo era ontem, não o é ainda hoje e o será por todos os séculos? De onde vem, repito, que não sejamos hoje o que éramos ontem a respeito de Jesus Cristo e de sua moral? Nossa religião é tão invariável como seu autor. As mesmas verdades que houve antes subsistem hoje e subsistirão por todos os séculos. Jamais envelhecerão; jamais se verá que as verdades do Evangelho percam um ponto de seu vigor e de sua força. Éramos prudentes quando vivíamos segundo o espírito de Jesus Cristo e segundo as só máximas do cristianismo? Somos prudentes hoje, que mudamos de dono? O dono não mudou: o mesmo é que foi, e o será eternamente; a mesma soberania tem hoje que teve sempre; o mesmo poder, a mesma bondade, a mesma misericórdia. Que é o que nos pôde fazer deixar seu serviço? Por ventura achamos outro dono melhor? Este dono é nosso Deus; este Deus nosso redentor, será nosso juiz. Vamo-nos aproximando de seu terrível tribunal; talvez toquemos já no termo fatal de nossa vida. Naquela última hora, alegrar-nos-emos de haver deixado seu serviço? Louvar-nos-emos de haver mudado de amo, quando não nos restará outro que ele por toda aquela espantosa

eternidade, que farão tão cruel o pesar, o arrependimento sem fruto e o desespero?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus (o impresso remete à página 24 do primeiro dia).

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. 22 Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. 23 Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Que não há estado de onde seja mais difícil sair que do estado da tibieza

Primeiro ponto

Considera como o estado da tibieza não só é muito arriscado no que diz respeito à salvação, mas o que há mais a temer é que quase não tem remédio; e que quando uma alma está neste estado é quase impossível que saia jamais dele. Para sair de um estado perigoso é necessário conhecer que se está nele e conhecer seu perigo; e isto é cabalmente o que a alma tíbia não conhece. Por mais que um pecador esteja abismado nas maiores desordens, não lhe custa trabalho conhecer o perigo em que está; mas uma alma tíbia jamais crê que o é. Pode-se dizer que desde que começa a conhecer que é tíbia, começa a não o ser já. Só no fervor se descobre a desgraça e a infelicidade de uma vida tíbia; e eis aqui o que faz tão difícil a conversão de uma alma tíbia: por que caminho se lhe descobrirá que se acha neste estado, quando a cegueira é o primeiro efeito da tibieza? Como não se relaxa senão pouco a pouco, familiariza-se insensivelmente com o pecado, acostuma-se a seus defeitos e finalmente gosta deles. O hábito sufoca e ainda previne todas as reflexões e extingue todos os remorsos: nenhuma coisa dá golpe numa alma tíbia, de nada teme, de nada desconfia, não encontra coisa que a escandalize: cai na tibieza sem omitir seus exercícios espirituais: fá-los, mas de um modo insípido; e estes exercícios espirituais só servem para deslumbrar a alma e para adormecê-la em seu lastimoso estado. O próprio Deus, que faz tanto ruído para despertar o pecador, parece que cala e que embaraça o que poderia excitar e avivar uma alma tíbia. Admoestações salutares, sermões capazes de converter o pecador mais endurecido, leituras piedosas, acidentes adversos que fazem abrir os olhos às pessoas mais depravadas, não fazem a menor impressão numa alma tíbia. E como é capaz de pensar no remédio quando não crê ter mal algum? A insensibilidade vai no encalço da cegueira, e o endurecimento sucede sempre a uma insensibilidade habitual. Pode-se imaginar um estado mais lastimoso? A reprovação dista muito deste funesto estado?

Segundo ponto

Considera como entre todas as enfermidades da alma não há uma, ao parecer, mais incurável que a da tibieza. Os Sacramentos, as meditações, as reflexões, os exemplos são uns remédios excelentes para os males espirituais. Mas são eficazes estes remédios numa alma tíbia? Confessa-se neste estado, comunga-se como no estado de fervor, e talvez com tanta frequência como uma alma fervorosa; mas qual é o fruto destas confissões e comunhões? Confessa-se sem contrição, sem propósito sincero de mudar de vida; quase não se sabe de que há de acusar-se: tão cega está uma alma tíbia. Uma fórmula de confissão, um fiozinho que diz sempre uma mesma coisa e produz sempre um mesmo efeito, isto é, um aumento de sopor, uma continuação de decaimento, uma infeliz e desgraçada fanfarronice e simulação que afoga todos os remorsos, que dá uma perniciosa e mortal segurança que tranquiliza a alma. Sai-se do tribunal da Penitência com a mesma

disposição com que se havia entrado: recai-se duas horas depois de haver-se confessado nos mesmos defeitos de que se havia acusado. Sucede a estas almas com os Sacramentos o que aos enfermos de uma febre lenta com os remédios superficiais que lhes dão; os quais só servem para contentar e entreter a imaginação do enfermo, o qual nem por isso deixa de morrer um dia mais ou menos tarde. Bom Deus, quão comum é esta enfermidade de decaimento e de tibieza entre as pessoas que fazem profissão de ser devotas! E quão ordinário é ver pessoas tão zelosas pela perfeição dos outros — diretores, pregadores, superiores — que sabem repreender tão bem os menores defeitos, cujo zelo se esgota todo em procurar a salvação dos outros, caindo eles mesmos na tibieza por descuidar-se de corrigir seus próprios defeitos e imperfeições!

Mas, meu Deus, de que servirá tudo isto a uma alma tíbia, a não ser que vós, por um milagre de vossa misericórdia, lhe façais conhecer sua infelicidade? Ao menos fazei este milagre em meu favor e não permitais que me sejam inúteis estas salutares reflexões.

Jaculatórias

Inflamai, Senhor, meu coração no amor de vossa santa Lei e fazei que vos sirva com desinteresse e com fervor. (Sl 118.)

Abrasai, Senhor, meu coração e enchei-o de um santo fervor em vosso serviço. (Sl 25.)

Propósitos

1. Por mais regrada que seja tua vida, por mais santo que seja teu estado, por mais exato que sejas em teus santos exercícios, teme a tibieza: é esta uma enfermidade epidêmica e contagiosa, e assim não deves omitir coisa alguma para preservar-te dela. Só as almas tíbias não temem estar na tibieza; para não cair nela, exercita-te com frequência nas práticas seguintes. Primeira: cumpre com uma pontualidade escrupulosa todos os teus exercícios de piedade. Segunda: não te contentes com não omiti-los jamais; tem um cuidado particular de fazê-los sempre no mesmo dia e à mesma hora. Terceira: faze cada um deles cada vez como se esta fosse a última que os fizesses em toda a tua vida. Quarta: pratica estes avisos, com especialidade a respeito da confissão e comunhão; esta prática é das mais excelentes. Quinta: logo que tiveres caído em algum defeito, ainda que seja o mais leve, castiga-te no mesmo dia com alguma penitência. Sexta: pede a Deus todos os dias o fervor e não sirvas jamais ao Senhor com preguiça, ociosidade e negligência.

2. Procura em todas as grandes festas renovar teu fervor, celebrá-las com uma nova devoção: começa pela festividade da Imaculada Conceição, que vem logo. Acusa-te nas confissões da tibieza com que serves a Deus. Está alerta contra as distrações voluntárias, especialmente em tuas orações vocais. Jamais te descuides de orar e rezar com respeito. Evita as posturas acomodadas e pouco decentes. Vigia singularmente sobre teus sentidos e faze alguma mortificação, porque o amor-próprio e a falta de mortificação são sempre a origem funesta da tibieza. Finalmente, tem um extremo horror a esta enfermidade espiritual, da qual quase nunca se cura.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:36 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:36 by Admin